

A categoria do risco na divulgação científica sobre gênero, medicalização da sexualidade e hormônios.

Autor: Felipe Cavalcanti Ferrari (Aluno do curso de Ciências Sociais – Bolsista PROBIC FAPERGS – UFRGS)

Orientadora: Prof^a Dr^a Fabíola Rohden (Departamento de Antropologia)

Introdução

O presente estudo é um recorte do projeto de pesquisa mais geral, "Gênero, sexualidade, cérebro e hormônios a partir dos discursos científicos de grande circulação: uma análise dos usos da ciência, comunicação e interfaces heterogêneas". Tendo como universo investigativo as publicações da revista *Veja*, a investigação aqui apresentada considera a interface entre gênero, sexualidade e divulgação do conhecimento científico. Neste contexto investigativo, considerado parte de um processo social mais amplo, os hormônios acabam ganhando uma centralidade ao explicar a diferença entre os sexos e servirem como fator chave da fase recente da medicalização da sexualidade.

Materiais e métodos

O universo de pesquisa para este estudo centrou-se nas publicações da revista *Veja*, envolvendo reportagens e informes publicitários, no período compreendido entre os anos de 1990 e 2014. A partir da interface nas temáticas referentes a gênero, sexualidade e "divulgação científica", o material foi enquadrado em determinadas categorias analíticas, considerando o peso do discurso sobre os hormônios. Foi observado que, em alguns casos, no material coletado a noção de risco é acionada de diferentes maneiras. Neste sentido, foi realizada uma análise de conteúdo sobre reportagens e informes publicitários que podem ser ilustrativas desse quadro.

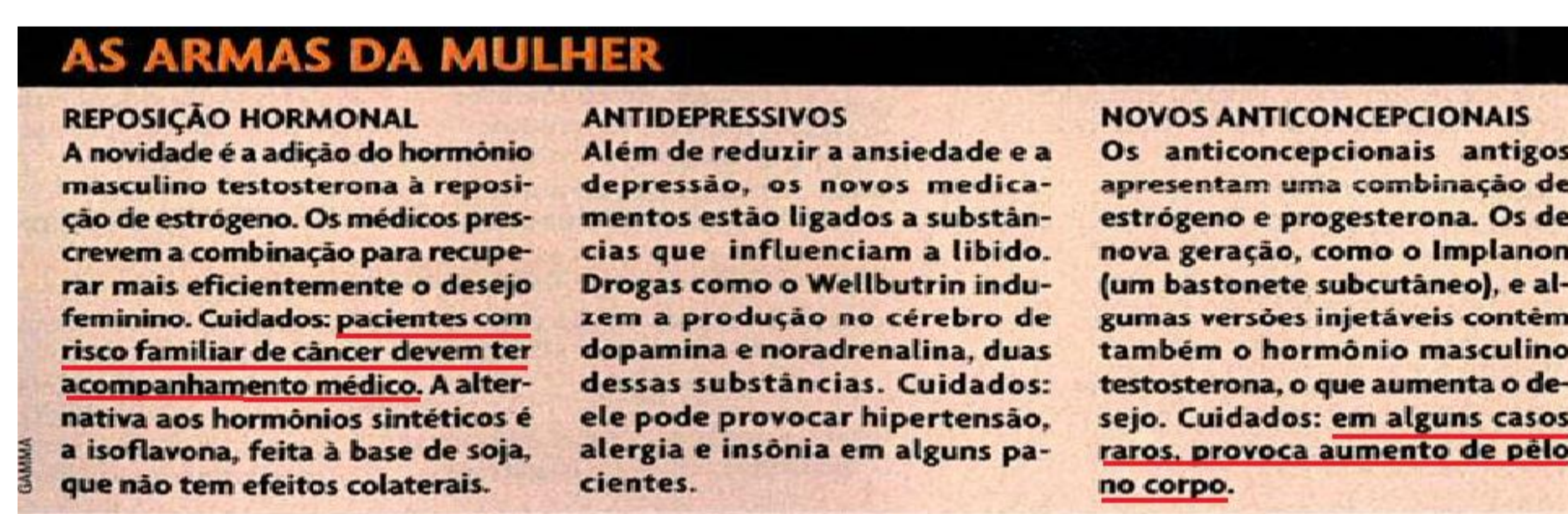
Resultados e conclusões

A noção de risco pôde ser compreendida, principalmente, a partir de duas formas como era evocada. A primeira faz referência aos riscos à saúde, envolvidos com o uso de tecnologias como métodos contraceptivos ou terapia de reposição hormonal, assuntos geralmente retratados como femininos. A segunda encontra-se na possibilidade de que uma suposta diferença entre os sexos seja desestabilizada pelo uso de hormônios, sendo observável uma diferença em como esse risco é retratado para homens e para mulheres. A possibilidade de uma masculinização do corpo feminino é retratada de maneira bem menos enfática do que no caso de uma possível feminilização dos homens.

No caso dos riscos envolvendo a saúde, foi possível constatar o uso de uma estratégia discursiva que localiza o risco no usuário em potencial e não na tecnologia em si. No caso dos riscos envolvendo a diferença, foi possível constatar quais corpos e subjetividades são promovidos, em detrimento de outros. Corpos e subjetividades que desafiem a lógica de uma diferença fixa e imutável entre os sexos são enquadrados enquanto risco. As imagens abaixo são ilustrativas de algumas das questões trabalhadas.

As conclusões dos pesquisadores de Massachusetts estimulam uma das discussões mais acaloradas na endocrinologia, a da reposição hormonal para o sexo masculino. Diz o endocrinologista Elhaschewitz: "Em tese, o trabalho deixa claro que em alguns casos o tratamento de reposição hormonal seria mais preciso se pudesse ser feito diretamente com estrógeno, em vez de testosterona". Isso por enquanto é impossível — a não ser que se quisessem homens de voz fina, quadris largos e mamas. "Hoje, basta uma dose diária de estrógeno equivalente a uma pílula anticoncepcional para o homem se feminilizar", explica o endocrinologista Loch Batista. Os transexuais, que buscam a transformação, chegam a tomar dez pílulas diárias para mudar suas características físicas. A polêmica em

*1



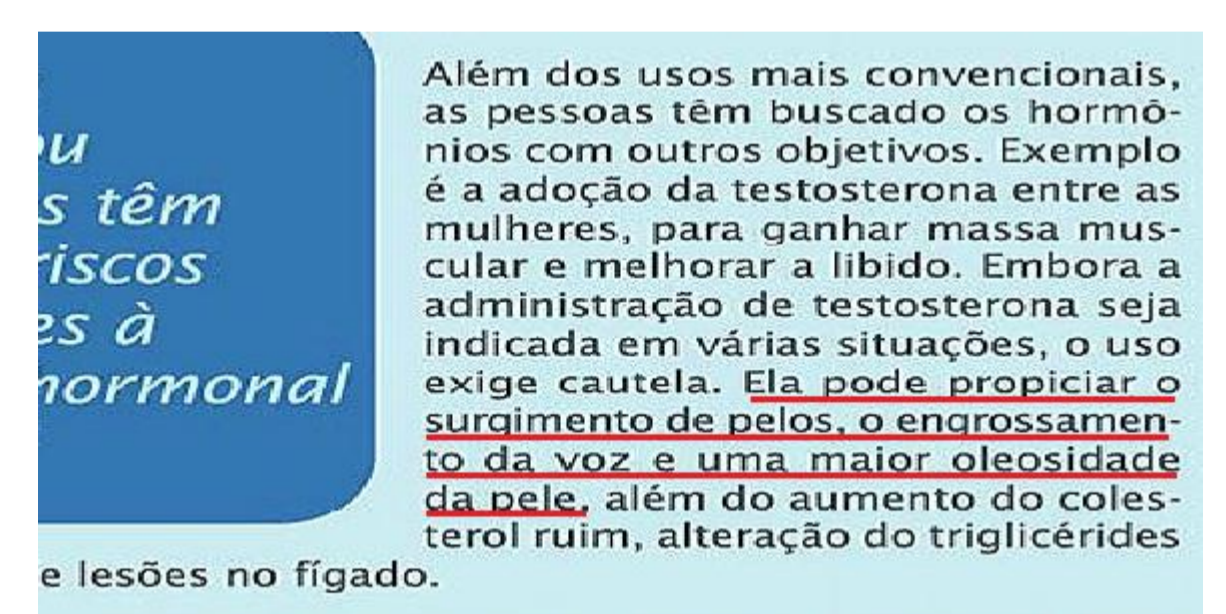
AS ARMAS DA MULHER

REPOSIÇÃO HORMONAL
A novidade é a adição do hormônio masculino testosterona à reposição de estrógeno. Os médicos prescrevem a combinação para recuperar mais eficientemente o desejo feminino. Cuidados: pacientes com risco familiar de câncer devem ter acompanhamento médico. A alternativa aos hormônios sintéticos é a isoflavona, feita à base de soja, que não tem efeitos colaterais.

ANTIDEPRESSIVOS
Além de reduzir a ansiedade e a depressão, os novos medicamentos estão ligados a substâncias que influenciam a libido. Drogas como o Wellbutrin induzem a produção no cérebro de dopamina e noradrenalina, duas dessas substâncias. Cuidados: ele pode provocar hipertensão, alergia e insônia em alguns pacientes.

NOVOS ANTICONCEPCIONAIS
Os anticoncepcionais antigos apresentam uma combinação de estrógeno e progesterona. Os de nova geração, como o Implanon (um bastonete subcutâneo), e algumas versões injetáveis contêm também o hormônio masculino testosterona, o que aumenta o desejo. Cuidados: em alguns casos raros, provoca aumento de pêlo no corpo.

*2



Além dos usos mais convencionais, as pessoas têm buscado os hormônios com outros objetivos. Exemplo é a adoção da testosterona entre as mulheres, para ganhar massa muscular e melhorar a libido. Embora a administração de testosterona seja indicada em várias situações, o uso exige cautela. Ela pode propiciar o surgimento de pelos, o encorreamento da voz e uma maior oleosidade da pele, além do aumento do colesterol ruim, alteração do triglicérides e lesões no fígado.

*3

Referências

FERNANDES, Aline Mello. "É tudo uma questão de química": hormônios, sexualidade e medicalização nos discursos das reportagens da revista *Veja* (2002-2012). 2013. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body: an archeology of sex hormones*. London: Routledge. 1994.

ROHDEN, Fabíola. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.133-152, jun. 2008.

ROHDEN, Fabíola. Diferenças de gênero e medicalização da sexualidade na criação do diagnóstico das disfunções sexuais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.17:296, jan-abril. 2009.

Material analisado

*2 CARELLI, Gabriela. "As idades do sexo. A era pós Viagra reserva novos tratamentos para atrasar o relógio biológico de homens e mulheres e melhorar o desempenho sexual". *Revista Veja*, edição 1738, 13 de fevereiro de 2002, p. 74-79.

*3 GRUPO EINSTEIN. "Hormônios: promessas e realidade. Terapia hormonal não deve ser banalizada. Ela pode trazer benefícios, mas nem sempre está isenta de riscos". *Revista Veja*, edição 2340, 25 de setembro de 2013. p. 37.

LOIOLA, Rita. "O futuro é de velhos, gordos e inférteis". *Veja online*, 18 de maio de 2014. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/o-futuro-e-de-velhos-gordos-e-inferteis/>. Último acesso: 16/08/2015.

*1 LOPES, Adriana Dias. "Quem diria... Algumas características dos homens são determinadas pelo estrógeno, o hormônio das formas arredondadas e da voz suave tão marcantes nas mulheres". *Revista Veja*, edição 2340, 25 de setembro de 2013. p. 94-97.

SANDOVAL, Gabriela. "Arsenal Contraceptivo. Um estudo do instituto de pesquisas sobre consumo Kantar revelou que quatro em cada dez mulheres que utilizam algum contraceptivo o fazem sem prescrição médica, o que pode trazer sérios riscos." *Revista Veja*, edição 2311, 06 de março de 2013. p. 100-102.

VEIGA, Aida. "Sexo depois dos 40 (agora fora das telas). Com os avanços da medicina e da estética, homens e mulheres encaram a meia idade com viço, vigor e vida sexual muito mais ativa". *Revista Veja*, edição 1650, 24 de maio de 2000. p. 119-124.